

O Brasil recupera a sua dignidade

Dilmar Cavalher



O que importava era gritar o nome do candidato e agitar com vontade a bandeira do partido

André Barcinski



Valeu tudo para fazer campanha, até mesmo fechar o trânsito

Luiz Morier



□ Para que pudessem escolher o próximo presidente, os cegos do Instituto Benjamin Constant, na Urca, tinham que ser auxiliados pelos mesários. A cédula, numa cabine não tão indecível assim, era colocada dentro de um envelope com aberturas circulares nos quadri-nhos, onde o voto seria marcado. Ao lado de cada uma dessas aberturas, estava impresso, em braile, o número de cada candidato e dentro da cabine havia uma lista, também em braile, com o nome e o número dos candidatos destinados a consultas. A maioria escolheu Leonel Brizola, do PDT.

Dilmar Cavalher



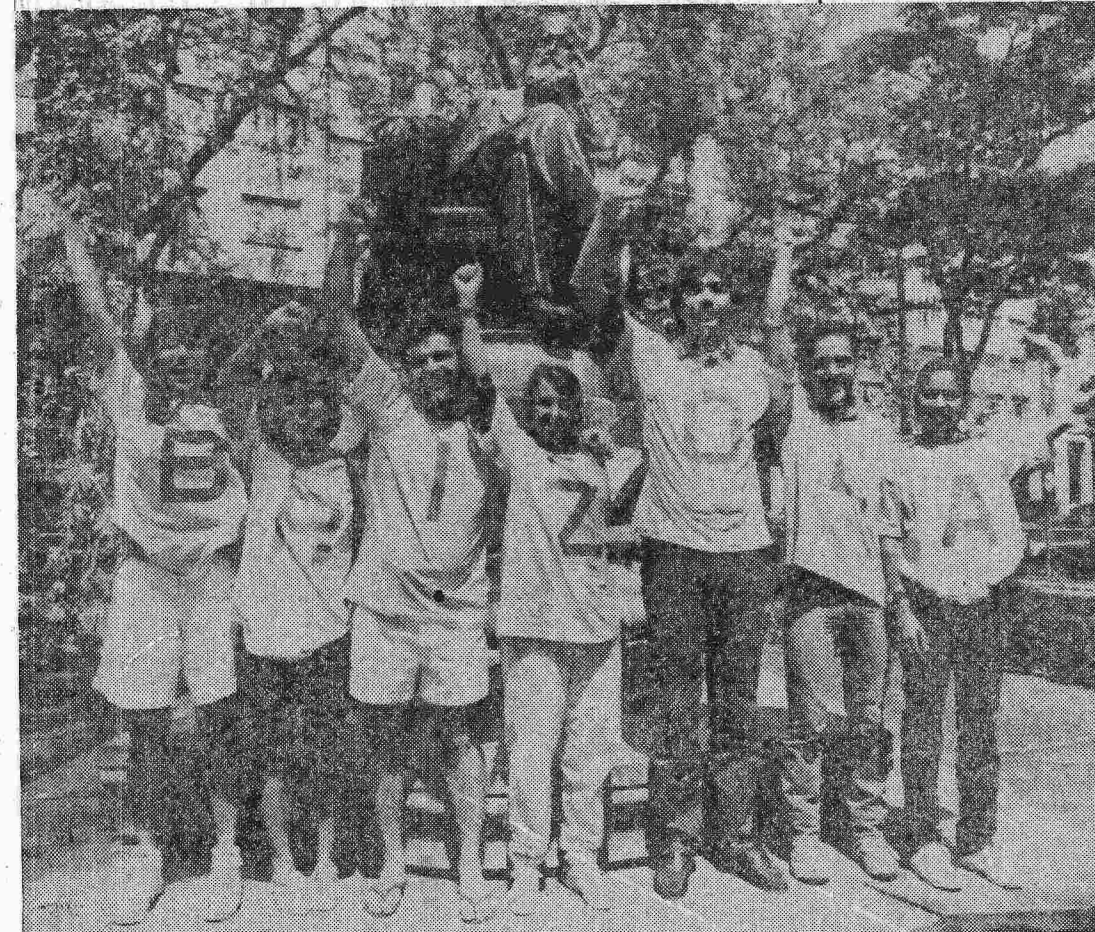
Os cabos eleitorais de Collor atuaram mais nas ruas de Ipanema

André Barcinski



Em Ipanema, já se fazia presente o espírito de união das esquerdas para o segundo turno

Flávio Rodrigues



□ Brigadas de sete brizolistas, cada uma arranjaram um jeito de driblar a boca-de-urna. Com as letras do nome de seu candidato estampadas em silk-screen nas camisetas azuis, passearam pela ruas de Petrópolis, a 60 quilômetros do Rio, na região serrada do Estado, divididos em trinta grupos, que formavam o nome Brizola perto das zonas eleitorais. Segundo a militante Cláudia Canela, 21 anos, a idéia surgiu em uma reunião do partido, semana passada. "Não é proibido e o pessoal passa e vê logo", diz Cláudia. Completando o modelito, não poderia faltar o tradicional lenço vermelho, símbolo das muitas campanhas do candidato pedetista.

Ricardo Leoni



Pequena multidão ficou boquiaberta debaixo da casa de Brizola